



CT Pernambuco, ainda ostentando o antigo indicativo de costado, menor do que o padrão atual

CT PERNAMBUCO, UM BARCO COM ALMA

Incorporação: 20 de julho de 1961 • Baixa: 2 de abril de 1982

CMG (RM1) Rogério Márvio Costa Santos

CONTRATORPEDEIRO PERNAMBUCO (D-30), O LEÃO DO NORTE

O CT Pernambuco (ex- USS Hailey, classe Fletcher) foi meu primeiro navio após o regresso da Viagem de Instrução de Guardas-Marinha, feita no Navio-Escola Custódio de Mello, em 1972.

Em janeiro de 1971, embarquei no “Leão do Norte” para uma comissão ao Caribe – a Operação Springboard 1971 – com mais seis companheiros do quarto ano da Escola Naval.



D-30 realizando faina de transferência de carga leve e recebimento de aguada com o Cruzador Barroso (C11), em 1961

Foi nosso primeiro contato com o espírito de navio e camaradagem da praça d’armas de um navio. A oficialidade formava a LAPA (Liga dos Amigos da Praça d’Armas). Cada aspirante acompanhava um oficial em todas as atividades da sua divisão, fainas e serviços em viagem e no porto. Fomos acomodados nos camarotes com os oficiais. Eles não permitiram que ficassemos em alojamento. Ao imaginar o espaço reduzido para alojar três oficiais, nos dá a exata dimensão da consideração e amizade com que nos receberam.

Nossa integração e motivação para a vida embarcada foi tão grande que criamos a Lapinha...

Nessa comissão, o bravo London (1) teve atuação destacada nos exercícios anti-submarino, de manobras táticas, e de tiro de superfície realizados na raia de Culebra, em Porto Rico.

Como esquecer uma das entradas no porto de San Juan, com a biruta abatida no exercício de tiro antiaéreo sobre alvo rebocado, ostentada com orgulho na balaustrada do convés 01, no portaló... E o oficial intendente, responsável pelo tiro iluminativo, gritando da diretora, durante o exercício noturno: “It is morning in Culebra”...

Além de San Juan, visitamos La Guaira, na Venezuela, onde reencontramos Sierralta e Carrasquel, dois colegas de turma venezuelanos que passavam

férias com suas famílias em Caracas e Recife, em pleno carnaval, coroando uma comissão de muitos êxitos e alegrias para nós.

A 1º de março, os navios regressaram ao porto do Rio de Janeiro, com a flâmula de fim de comissão içada no tope do mastro principal. E nós voltávamos para a Escola Naval para o último ano letivo, antes de nos formarmos Guardas-Marinha.

Servi no D-30 em dois períodos, totalizando mais de três anos e três meses, tendo sido encarregado de cinco divisões: 1ª, F, Reparos, O-1 e O-2. Tudo me era familiar naquele navio.

Em 02 de abril de 1982, já com mais de vinte anos de bons serviços prestados à Marinha do Brasil, o navio teve sua mostra de desarmamento, juntamente com o CT Paraná (D29). A Marinha se modernizava, contando agora com as Fragatas classe Niterói.

Em novembro/1983, embarquei na Fragata Constituição, assumindo a chefia do departamento de Operações.

Para minha surpresa, em setembro/1984 foi prevista uma comissão para testar munição perfurante de 114,3mm de fabricação nacional, pela Fragata Constituição, sobre o casco do ex-CT Pernambuco. Justamente dois navios em que eu servi e dos quais guardo tantas gratas lembranças!

Fizemos o planejamento e a coordenação das equipes envolvidas. A preparação do casco, melhorando suas condições de estanqueidade, os acertos para as gravações para posterior análise do desempenho do navio e da munição, a ação do GRUMEC (Grupamento de Mergulhadores de Combate) após o tiro, tudo foi bastante detalhado.

No alvorecer do dia 13/09, o rebocador desfez o dispositivo de reboque no centro da área interdita, e esperamos que o casco afilasse ao vento e à corrente, para posicionar a fragata na distância da corrida de fogo.

O casco, já com a pintura deteriorada, não apresentava o indicativo de costado, suas antenas de comunicações e dos radares, mas a silhueta do “bico fino” ainda era inconfundível: as duas torretas singelas a vante, os lançadores de bombas-granada no convés 0-1, o passadiço, as diretoras dos sistemas MK-25 e MK-56, os canhões de 76 mm, as duas chaminés, o lançador de torpedos de superfície MK-15, as torretas de ré, o lançador de bombas de profundidade na popa.

Iniciaram-se as ações, o navio em postos de combate, foi aberto fogo entre as distâncias de 15.000 e 5.000 jardas.

Todos exultaram a bordo da fragata com o sucesso alcançado, que culminou num período de saídas para alinhamento de sistemas, de modo a atingir a total operacionalidade do navio.

Após uma série de impactos, o GRUMEC foi a bordo do casco constatar a extensão dos danos. As avarias se restringiam à superestrutura, entre as duas chaminés, no costado a BE, e na estação rádio, no convés 01 a BE, e o casco apresentava boa flutuabilidade. Decidiu-se, então, trazê-lo de volta ao porto. Em virtude do adiantado da hora, para a passagem do dispositivo de reboque, a fragata ficaria nas proximidades, mantendo contato radar até o amanhecer do dia seguinte.

Às nove horas da noite, entrei de serviço de avaliador no COC (Centro de Operações de Combate). Tudo corria tranqüilo, até que às 23h do dia 13 de setembro de 1984, o contato desvaneceu na tela radar. O bravo “Leão do Norte” esperou o silêncio da noite para ir repousar altivo no fundo do mar. O lugar de descanso do velho guerreiro foi na posição de latitude 23º 56’20’’S e longitude 043º 17’30’’W, aos 187º, distância 59 milhas da entrada da baía da Guanabara. E eu tive a consciência de ter sido seu único ex-tripulante a testemunhar seu fim glorioso.

Naquela noite, no escuro do COC, meus olhos ficaram marejados de lágrimas.



Ponto do afundamento do Contratorpedeiro Pernambuco

NOTA:

(1) Indicativo chamada do navio nas comissões com fonia em inglês